

essencia da vida desce á profundidade, ao íntimo do ser, se fixa na eternidade em qualidade imperecível e nada, nada de tudo o que viveis, das vossas lutas e sofrimentos se perde, em substancia. Vêdes que todo ato vosso tende, com o se repetir, a fixar-se em vós, sob a forma desses automatismos que constituem os hábitos, isto é, uma roupagem, uma veste que se sobrepõe á personalidade. Essa descensão das experiências da vida se estratifica em derredor do núcleo central do eu que, em consequencia, se agiganta, por um processo de expansão continua. Assim a realidade exterior, tanto mais relativa e inconsistente, quanto mais exterior, sobrevive á caducidade, a que a condena o transformismo continuo que a acompanha e, sobrevivendo, transmite ao eterno o que, produzido pela sua existencia, tem valor. E' assim que nada morre no imenso turbilhão de todas as coisas; é assim que tem valor eterno todo ato da vossa vida.

Encontra o seu Eu eterno todo aquele que chega a ser conciente também na consciencia latente e pode encontrar, no vasto emaranhado das humanas vicissitudes, o fio condutor, ao longo do qual, logicamente, segundo uma lei de justiça e de equilibrio, se desenvolve o proprio destino. Esse vive, então, a sua maior vida da eternidade e tem dessa forma vencido a morte. Esse então comunica livremente, mesmo na terra, por um processo de sintonização que implica afinidade, com as correntes de pensamento que existem fóra das dimensões de espaço e tempo. Indiquei alhures a tecnica dessa comunicação conceptuosa ou mediunidade inspirativa.

Hei-vos traçado assim o quadro da tecnica da vossa ascensão espiritual, efeito e objeto da vossa vida. Nas minhas palavras, vereis sempre adejante esta grande idéia da evolução, porém, nunca no limitado conceito materialista da evolução de formas organicas e sim no conceito muito mais amplo de evolução de formas espirituais, de ascensão de almas. Este é o principio central do universo, a grande força motriz do seu funcionamento organico. O universo infinito palpita de vida que, reconquistando a sua concienica, re-torna para Deus. Esse o grande quadro que vos mostrarei; a visão que vos apresentarei, partindo dos vossos conhecimentos científicos. A minha demonstração, que se inicia, tende-o presente, por uma disquisição, para uso dos céuticos, é um clarão que lango sobre o mundo, é uma sinfonia imensa que então em louvor de Deus.

V — Necessidade de uma revelação.

Falei-vos da razão humana, com a qual construistes a vossa ciencia, afirmando a relatividade desse instrumento de pesquisa e a sua insuficiencia como meio de aquisição do conhecimento do Absoluto.

Levar-vos-ei agora, lentamente, cada vez mais perto do centro da questão. O que vos exponho representa um principio novo para a vossa ciencia e filosofia, novo para o vosso pensamento. O momento psicologico que a humanidade atravessa reclama o auxilio da presente revelação. Não vos espanteis com esta palavra; revelação não é apenas a de que nasceram as religiões; é também todo contacto da alma humana com o pensamento íntimo que está no criado, contacto que revela ao homem um novo misterio do Sêr. A psicologia humana, bem o vêdes, tal como hoje é, não tem amanhã. Ela o procura ansiosamente, mas, por si mesma, não sabe encontra-lo. Espera confusamente alguma coisa, sem vislumbrar que coisa possa nascer, nem donde, nem como; contudo, espera, por instinto, por uma necessidade íntima, imperiosa, porque isso constitue uma lei da vida.

Conserva-se á escuta e se dispõe a joeirar todas as vozes, as verdadeiras e as falsas, para escolher a que corresponda ao seu infalível instinto, a que, descendo das profundezas do Infinito, será a unica que a faça tremer. Esperam-na, sobretudo, os pensadores que se acham á testa do movimento intelectual; esperam-na os homens de ação, que se acham á frente do movimento politico e economico do mundo. A mente humana procura uma concepção que a abale, uma concepção profunda e mais fortemente sentida, que a oriente para a iminente civilização nova do terceiro milenio.

Das concepções de que dispondes, algumas são insuficientes, outras já estão exauridas, outras tão carregadas de incrustações humanas, que se acham por elas esmagadas. *A ciencia*, que o orgulho cegou mal acabara de nascer, impotente se mostrou diante dos ultimos "porquês" e, com a pretensão de generalizar, partindo de poucos principios, os mais inferiores, muito vos prejudicou, rebaixando-vos, fazendo-vos retroceder para a materia, que era unicamente o que ela estudava. *As filosofias* são produtos individuais, que se limitam a arvorar em sistema a indiscutível premissa que é o proprio Eu.

Se bem elas sejam intuições, não passam de intuições parciais, de visões pessoais, que tão só interessam ao grupo dos afins. O bom senso é instrumento imediato para a realização dos objetivos materiais da vida e não pode ultrapassá-los; não pode, conseguintemente, bastar. *As religiões* (êrro imperdoavel) todas em luta entre si, exclusivistas, quanto á posse da Verdade, e isso em nome do proprio Deus, applicadas não em procurar, como deviam, a ponte que as ligue, mas em cavar o abismo que as separe; cada uma presa da ansia de invadir sózinha o mundo todo, em vez de coordenar-se com as demais, colocando-se no nível que lhe corresponda pela profundidade da revelação recebida, mais não têm feito do que recobrir de humanismo a originaria Centelha Divina.

Devo esclarecer desde já o meu pensamento, para não ser mal

compreendido e tomado como ponto de mira pelos que sofrem da ansia de destruição, de agressividade humana. Não venho combater religião alguma; venho, sim, coordena-las todas, como outras tantas aproximações da Verdade, que é Una e não multiplique, conforme desejariéis. Coloco, entretanto, no ponto mais alto, sobre a terra, a revelação e a religião do Cristo, por ser entre todas a mais completa e perfeita. Esclarecido este ponto, contínuo e assinalo o facto inegável de que nenhuma das vossas crenças, hoje, sustenta, abala e verdadeiramente arrasta as massas.

Em confronto com as grandes paixões que outrora moviam os povos, o espirito, presentemente, se encontra amodorrado no cetismo, caiu de maneira tal no vácuo, que não tem, sequer, força para uma rebelião, a sombra de um interesse, nem mesmo para negar. Tornou-se uma nulidade coberta por sorridente mascara, desceu ao ultimo degráu, está na ultima fase do exaurimento: a indiferença. Este o quadro do vosso mundo espiritual. O que verdadeiramente vos guia, na realidade da vida, é o egoismo, são as paixões inferiores, nas quais tenazmente crêdes. Não podereis, porém, chamar a isso uma orientação, um principio capaz de dirigir-vos para méta mais altas. Se algum principio aí ha, é o de desagregação e de ruína. Para esta, com efeito, corre o mundo, a grande velocidade.

Esta minha palavra, pois, não vos chega por acaso. Ela vem, não para destruir as verdades que possuis, mas para vo-las repetir de maneira mais persuasiva, mais evidente, mais de acordo com as necessidades novas da mente humana. A vossa psicologia não é a dos vossos pais e as formas que lhes estavam apropriadas já não vos convêm. Sois inteligencias saídas da minoridade; a vossa mente se habituou a olhar para si mesma e já pode suportar visões mais vastas; pede, quer saber e tem o direito de saber mais. Em a vossa nova maturação, podeis ver e resolver problemas de que os vossos avós mal suspeitavam. Ao demais, os vossos problemas individuais e coletivos se tornaram muito complexos e delicados, para que bastem os enunciados sumarios das verdades conhecidas. No periodo atual de grandes maturações, superais as vossas idéias de cada hora com uma velocidade sem precedentes entre vós. Postos de lado os imaturos e os mendazes, grande é o numero dos honestos que precisam saber mais e de modo mais preciso. Enfim, dispondes hoje, de par com os meios mecanicos que a ciencia vos ha fornecido e com os segredos que tendes sabido arrancar á natureza, de um poder de ação muito maior do que no passado, poder que exige dos que o exercitam maior ponderação, afim de que dele, se empregado com a mentalidade pueril e selvagem dos seculos transactos, não resulte, em lugar da vossa grandeza, a vossa destruição. Soou, portanto, a hora de ser dita a minha palavra.

VI — Monismo.

Avizinhemo-nos ainda mais da questão a resolver. Indispensaveis me eram estas premissas, para trazer-vos até aqui. Observai o modo por que procedo, no desenvolver o meu pensamento. Avango por uma espiral, que gradativamente restringe as suas volutas concentricas e, se passo repetidamente pela mesma ordem de idéias, é para tocar, num ponto mais proximo do centro, o raio que deste se origina. Para esse centro encaminho o vosso pensamento. Nesta exposição, parto do exterior e me dirijo para o interior, parto da materia, que é a realidade dos vossos sentidos, para o espirito, que contém uma realidade mais verdadeira e mais alta; vou da superficie para o fundo, da multiplicidade fenomenica para o principio Uno que a rege. Por isso foi que dei a esta explanação o nome de — A Grande Sinteze.

Estou no outro pólo do sêr, no extremo oposto ao em que vos achais: vós, racionalistas, sois analise; eu, intuitivo (contemplação, visão), sou sintese. Desço, porém, agora á vossa psicologia racional de analise, tomo-a por ponto de partida, para levar-vos á sintese, que é o ponto de chegada. Parto da forma, para vos explicar a obscura impulsão que a faz palpar, o motor que a anima, tenazmente abismado no misterio. Penetro, resumo e aperto, num monismo absoluto, o imenso detalhe do mundo fenomenico, cuja vastidão imaginareis multiplicando-o pelo infinito do tempo e do espaço; canaliso a multiplicidade dos efeitos, algumas de cujas leis a ciencia fadigosamente esboçou, para as vias convergentes que conduzem ao Principio Unico. De um mundo que vos pode parecer caótico, farei, para as vossas mentalidades, um organismo completo e perfeito. A complexidade que vos amedronta será reconduzida e reduzida a um conceito central, unico e simples, a uma lei unica, que rege tudo.

Podereis chamar a isto *monismo*. Atendei, porém, mais ás idéias do que ás palavras. A ciencia creu por vezes ter descoberto e criado um conceito novo, só por haver cunhado uma palavra. E o conceito é este: assim como do *politeismo* passastes ao *monoteismo*, á crença num Deus unico (mas, sempre antropomorfico, desde que opéra uma criação exterior a si mesmo), passais agora ao *monismo*, isto é, á concepção de um Deus que "é" a criação. Tornai a ler, antes de julgardes. Farei lampear nas vossas mentes um Deus ainda maior do que tudo o que tendes sabido conceber. Do politeismo ao monoteismo e ao monismo se dilata a vossa concepção da Divindade. Esta explanação é, portanto, o hino da sua gloria.

Já sinto esta sintese suprema, numa cintillação de luz e de jubilo. A essa méta quero conduzir-vos tambem, através do estudo do funcionamento organico do Universo. A minha explanação se